

CENTRO EXCURSIONISTA PETROPOLITANO

Este Boletim Informativo é dedicado a memória do amigo e grande montanhista

Fábio Macedo



Centro Excursionista Petropolitano

Fundado em 15 de maio de 1958.

Sede:

Rua Irmãos D'Ângelo, nº 39 sobreloja 5.

Centro - Petrópolis / RJ.

CEP: 25685-330.

Funcionamento:

Sextas das 19:00h às 21:00h.

De Utilidade Pública - Sede Própria.

Telefone: (24) 2235-2418

Site: www.petropolitano.org.br

E-mail: cep@petropolitano.org.br

comunicacao@petropolitano.org.br



[/cep.centroexcursionistapetropolitano](https://www.facebook.com/cep.centroexcursionistapetropolitano)



[@cep_excursionistapetropolitano](https://www.instagram.com/cep_excursionistapetropolitano)

Diretoria

Diretora- Presidente
Letícia Castilhos Leal Fliess

Diretor de Patrimônio
Renê Oliveira de Lucena

Diretor Técnico
Jeferson Monteiro da Costa

Diretor Administrativo Financeiro
Paulo Victor Penna Rocha

Diretor de Comunicação
Luiz Claudio Rodrigues Antunes

Conselho Editorial

Letícia Fliess

Nelson Toledo

Luiz Claudio Antunes

Leonardo Carvalhaes

Aniversariantes

Maio

13 - Paulo Henrique Silva Canário Costa

15 - Centro Excursionista Petropolitano

18 - Julia Grazinoli Loureiro

19 - Carlos Alexandre Soares da Silva

20 - Fábio Macedo (in memorian)

20 - Raul Thomas Rose Hermann

20 - Gilmar Silva de Oliveira

22 - Omero José Pinton

24 - Alessandra Araújo Marques

26 - Gabriel de Oliveira

29 - Ana Paula Gonçalves Cordeiro

Junho

01 - Diogo Anselmo Pereira

07 - Leonardo Soares da Costa

09 - Ailton Alves Soares Junior

09 - Fabiano Ramos Brand

10 - Milson de Castro

13 - Antonio Carlos Soares de Sá

17—Edson Sena

19 - André Silva Ilha

25 - Álvaro Nunes de Oliveira

27 - Thiago Antonio Franco Flores

29 - Lucas Ulerich de Souza



Foto da Capa: Mirante do Morro Açú—2003

Este boletim é um informativo bimestral, destinado não somente aos associados do CEP, mas a todo o excursionista brasileiro, sem fins lucrativos, assim como a entidade a qual representa. Os artigos nele contidos refletem a posição dos autores e não necessariamente da instituição. O CEP não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. O CEP não se responsabiliza por acidentes pessoais ocorridos durante as excursões. Matérias são bem-vindas, preferencialmente em arquivo, a fim de facilitar o trabalho de edição. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do Centro Excursionista Petropolitano, o mês e o autor.

Fábio Macedo

Por Fabiano Macedo



É com um misto de alegria e tristeza que venho escrever este relato sobre meu pai Fábio Mauricio de Macedo ou só Fabinho como era mais conhecido pelo pessoal do clube. Nos deixou no dia 01/04/20 vítima de um câncer de pulmão aos 52 anos. Primeiramente gostaria de agradecer a todos os “cepenses” por prestarem seus sentimentos e solidariedade e por fazerem esta homenagem e dedicatória.

Inicialmente achei que seria bastante fácil escrever sobre ele, mas são tantas as ideias e histórias que vem à cabeça que se tornou uma tarefa bastante difícil, falar dele e contar suas histórias e vivências nas montanhas me pareceu não levar a conhecimento comum uma coisa diferente sobre ele, afinal, a maior parte das histórias dele nas montanhas foram com o CEP ou com amigos do CEP. Sendo assim, resolvi escrever uma coisa bastante íntima entre ele e eu, a paixão que ele tinha pelo CEP e como ele me levou a virar um Cepense.

Ele iniciou sua vida como montanhista em 1979, aos 12 anos de idade. Aprendeu inicialmente tudo com o Luiz Cordeiro pessoa que o levou ao CEP no mesmo ano, a partir de então ele nunca mais abandonou o clube, algumas vezes permaneceu distante fisicamente, mas sempre me falava sobre. Atribuía ao CEP não só suas experiências perceptivas nas montanhas, mas até a forma como ele

viera a se estabelecer na vida. Segundo ele o CEP era uma grande escola e ao mesmo tempo uma família.



Nesses primeiros anos o CEP foi importante para ele por poder proporcionar um relacionamento interpessoal com pessoas mais velhas e que não estavam dentro do pacote preconceituoso que a sociedade rotulava os montanhistas na época. Naquele momento ele viu que era possível ser montanhista sem ser “vagabundo”, afinal o clube era cheio de exemplos de pessoas que trabalhavam, tinham família e se dedicavam ao montanhismo isso gerou bastante confiança ao meu avô liberando para que meu pai pudesse frequentar o clube. Nessa época também ele começou a viajar para outros lugares inimagináveis para uma criança de 12, 13 anos, conheceu várias montanhas na cidade do Rio, Teresópolis e Itatiaia.



Num segundo momento já pelo meio da década de 80 foi a fase em que ele se estabeleceu com mais autonomia, foi o período que fez as grandes amizades e que ocorreram suas histórias mais hilárias, nessa época também foi quando começou a ocorrer os

primeiros atritos. Sobre os atritos ele sempre comentava com tristeza sobre os amigos que abandonaram o clube por divergência de opinião, por política ou mesmo por diferença social. Sobre isso ele sempre me dizia: “O CEP é um clube de montanhismo cara, daí tem gente que chega e é ruim demais na parede, ruim na montanha e daí quer aparecer fazendo política, causando intrigas ou puto porque ta preocupado com quem é rico ou pobre. Num fica nem 1 ano porque lá é montanha, é amizade, muita raiz” ouvi ele dizer isso várias vezes ao longo da vida. Esse momento foi também a fase em que fez algumas conquistas, sendo a de maior destaque a Agulha das estrelas, ao lado dos dois caras que mais o influenciaram na montanha o Cordeiro e o Tônico. Dentre outras conquistas se destacam o PR. Do cortiço em 81, o PR. Dança do sol em 83 o início do PR. Alpumaque que foi concluído mais tarde pela nata da escalada petropolitana, além de outros projetos que acabaram sendo abandonados.



Após esse amadurecimento que não se encerra, mas se estabiliza, ele conclui em 1992 o curso de guias, deixando assim de ser guia comissionado e se tornando credenciado. Segundo ele esse era o maior bem que poderia fazer pelo clube, conquistar vias era importante, mas mais importante seria guiar excursões pelo clube. O maior orgulho dele era falar das pessoas que ele levou para o esporte e conseqüentemente para o CEP. Nessa época ele conquistou o Pr. Rei de Paus e o Pr. O segredo do abismo (nos fundos de casa, uma sugestão do Eric que viu a parede quando foi La para se despedir, pois estava deixando o Brasil). Além das conquistas repetiu várias vias de escalada engajadas e se destacou por ter atingido o cume da Coroa do Frade depois de muitos anos sem ninguém ir. Essa fase se encerra em 1996 com o falecimento do meu avô, pois meu pai teve de abandonar o CEP para se dedicar mais ao trabalho que era conjunto com meu avô.



Em 1999 ele volta indiretamente para o CEP, afinal este foi o ano em que eu comecei a frequentar o clube por conta própria, o mais

bacana dessa fase era meu pai me levar em algumas montanhas antes para que eu não “ralasse” quando fosse com o CEP, afinal ele foi jurado muitas vezes ou melhor eu na inocência era jurado de ser ralado por conta das “covardias” dele. Muitas vezes ele sumia no meio das trilhas e eu só o encontrava novamente no cume, me fazia cair pelo menos três vezes em algum lance antes de liberar uma “roubadinha”, depois reclamava disso a semana toda. Quantas vezes nos divertimos quando eu chegava em casa contando que eu tinha guiado uma cordada quando o combinado era ter participado. Fomos assim até eu criar a autonomia e maturidade dentro do clube mantendo as grandes amizades dele e fazendo outras tantas que depois ele veio a cultivar também, o CEP realmente é a escola e a raiz que ele sempre insistiu em dizer. Outro fato curioso foi o desespero dele quando eu assumi a diretoria técnica do clube em 2007, ele dissera na época que nunca tinha aceitado nenhum cargo pra não ter chance nenhuma de se desentender com alguém e que agora eu estaria enrolado. Foi mais ou

menos a partir de 2008 que ele voltou a frequentar o clube com mais frequência, não tinha tempo para participar das reuniões mas estava sempre nos eventos além de apoiar sempre os cursos básicos de escalada e de montanhismo ale de participar de algumas excursões. Juntos conquistamos algumas vias, dentre elas: Disque Broca, Necrópoles, Rebent at era e Maioridade todas no cortiço; o Pr. Boi Garantido, Pr. Nilo Sérgio, dentre outros projetos que estão parados. Uma grande alegria dele nessa época foi conseguir se tornar sócio proprietário do CEP e depois ser um dos guias e sócios homenageados nos 60 anos do clube.

Atualmente sua maior paixão e fixação era continuar a saga dos Macedos nas montanhas, era como ele dizia quando falava de levar seus dois netos (Pedro, 2 anos e Ulisses, 3 meses) para a montanha e para o CEP.



Fábio Macedo

Por Jeferson Costa



Fabinho Macedo teve importante papel na conquista da via Reis de Paus, na Pedra do Pastor, (BR - 040). Foi destaque, conquistou o crux, além de ter dado nome a via. Isso no início dos anos 90, época que ainda não tín-

hamos furadeira, por isso a via foi conquistada com marreta e talhadeira.

Durante a conquista, fizemos um revezamento de cordadas, pois quando iniciei a conquista com o José Sérgio (Zecão), falei com o Fabinho. Ele me disse que tinha interesse em conquistar aquela linha. Imediatamente juntamos forças para a empreitada. Ele se juntou a Luiz Cordeiro e ao Ronaldo de Oliveira (Lego).

Os três foram e subiram até quase o final da primeira enfiada. Mas a via ficou parada por um tempo e eu chamei o Fabinho para continuar.

Ele estava ocupado e não poderia me acompanhar. Então fui sozinho com auto-segurança e conquistei o final da primeira e o início da segunda enfiada. Como o Fabinho continuava ocupado, chamei o Chico Balter e, assim, conquistamos a segunda enfiada e subimos mais um pouco.

Fabinho voltou a investir na via juntamente com o Lego e o Luiz Cordeiro. Fizeram mais algumas investidas e conversamos outra vez. Ele me disse que alguns grampos necessitavam ser trocados e que a via estava bem alta. Talvez, com mais uma investida já fosse possível concluir a conquista.

Combinamos a última investida com a seguinte estratégia:

A dupla Fabinho / Lego iriam na frente conquistando e a minha dupla com o Flávio

Stock chegaria mais tarde para trocar os grampos e depois continuar conquistando novos lances.

Naquele amanha de domingo, fizemos o combinado e após trocar os grampos subimos até onde eles haviam conquistado.

Conquistei mais um lance e, quando terminei de bater o grampo, Fabinho me informou que não poderia chegar em casa tarde.

Então, eu disse a ele que não faltava muito para terminar e o levaria de carona para casa.

Ele me reafirmou que não poderia ficar pois havia se comprometido com Norma sua esposa de chegar para o almoço.

Eu garanti que o levaria em casa e parti para conquistar o lance seguinte. Naquela época, além do setor ter poucos ônibus circulando, Fabinho estava sem carro. Conquistei um lance muito grande na intenção de adiantar o máximo possível para concluir a via

Quando terminei de bater o grampo, olhei para baixo e vi Fabinho Macedo guiando a cordada dele. Esperei que ele chegasse no grampo e ele me disse:

“Se você vai me levar em casa, nós vamos terminar a via hoje.”

Respondi:
“Fechado!”

Concluimos a conquista e eu o levei para casa e ele não chegou tarde.

Essa foi uma das aventuras que vivemos juntos e foram muitas, pois nos conhecemos em 1981.

Fica aqui minha homenagem para o amigo Fabinho Macedo que nos deixou recentemente.



Fábio Macedo

Por Eric Nissens



Em 2012, última vez que fomos ao Brasil, marcamos para um domingo, uma ida ao morro da Formiga. Éramos um punhado de amigos, todos com aquela vontade de « voltar ao passado » e curtir um bom momento escalando aquelas vias que tanto fizemos nos anos 80. O Paredão Vogel, o Giabra, o Juliano Magalhaes ou tantas outras. Mas no dia d, choveu ... com direito a russo e garoa. Acabamos nos reunindo primeiro naquele Bar, ponto de encontro depois das excursões e depois o Gláucio nos convidou para escalarmos na academia dele. O Fabinho Macedo estava no grupo, claro. Era uma empolgação tremenda e foi aí que percebemos que os nossos filhos tinham a mesma idade. O Fabiano e o Lucas ali se conheceram. Foi um momento muito carinhoso de reencontro e apesar de não termos escalado no Morro da Formiga, festejamos como nunca este dia.

Na semana seguinte, Lucas e Fabiano se esbaldaram escalando por Petrópolis, foram

ao Morro da Formiga, dessa vez sem chuva, escalaram o Paredão Universos Paralelos no contorno e em diversos outros lugares. Fiquei muito feliz que nossos filhos tenham se encontrado e feito aquelas mesmas aventuras que nos, décadas atrás. Era como um recomeço daquilo que nunca parou. Ai a gente se da conta da certeza da vida e das pessoas que você leva no coração. Apesar dessa excursão ter sido tão breve, a minha ternura pela família CEPENSE é enorme. Obrigado amigos, vocês sempre estarão comigo! E não vejo a hora de poder voltar aí e remarcar outro reencontro!



Fábio Macedo

Por Tonico Magalhães



A grande excursão que fiz com o amigo Fábio Macedo foi a conquista do último cume virgem de Petrópolis – a Agulha das Estrelas, em março de 1983.

No mês de janeiro anterior, numa memorável excursão à Agulha Inhomirim guiada pelo famoso guia do CEP, o Mário Penna da Rocha, juntamente com o Fábio, na primeira excursão que ele fez comigo, descobrimos que ao lado havia uma outra montanha, que inicialmente pensávamos que seria a própria Inhomirim. Como para nossa surpresa não era, imaginamos, deve ser virgem!

Logo em seguida, montamos a equipe que viria a conquistar a montanha, juntamente com Luiz Cordeiro, William Walsh e Gilmar XXX. Foi uma excursão memorável que rendeu o dia inteiro com muito facão, uma chaminé com várias pedras soltas que deu muito trabalho para remover de forma que não ficasse perigosa e um cume espetacular para abrilhantar um dia impecável! Ali nasceu minha amizade com aquele jovem montanhista, que depois veio a se revelar um talentoso escalador.

Ainda em 1983 fiz com Fabinho e outros amigos, memoráveis excursões com destaque para a inauguração do paredão Alcides Costa, dia em que se batizou a montanha como morro da Reunião e

conquista do primeiro lance crux do Jaguar, com kichutes e sem magnésio.

Posteriormente, para minha surpresa, em junho de 1984 o Fabinho guiou totalmente a sua primeira via de dificuldade maior – o Paredão Amizade. Foi um feito importante considerando sua pouca experiência e o uso de kichute. Eu vendo de outra cordada, delirava com aquela performance.

Depois dessa época transferi residência para Belo Horizonte e não fiz mais excursões com o Fábio mas, sempre acompanhava a paixão que ele veio a devotar pelas montanhas, o que me alegrava muito.

Em maio de 2008, ao final do dia uma caminhadinha ao Cortiço com Jeferson e Nâdia, fomos a famoso Bar do Macedo, que há muito tempo queria conhecer. Lá apareceu o Tchassa para uma boa prosa e algumas geladas. Nesse dia, com emoção, me encontrei com o amigo Fábio que não via há bastante tempo. Nesse dia, o Tchassa nos contou a história da famosa borracha que atravessou o seu pé durante seis anos e nos mostrou a cicatriz. O caso, apesar de trágico, nos rendeu boas risadas e esse foi o último dia que vi o amigo Fábio. Foi bom pois ficou na minha memória a sua presença nesse divertido dia.

Fábio Macedo

Por Márcio “Buzina” Koptcke

E muito difícil pôr em palavras os assuntos do coração. Com a notícia da partida do querido amigo e companheiro de montanha Fábio Macedo, nosso Fabinho, todos nós que tivemos o privilégio de conviver com ele fomos arrebatados de súbito, com os mais profundos sentimentos, preciosas memórias e sobretudo muita gratidão por esse grande amigo, que estará sempre em nossos corações.

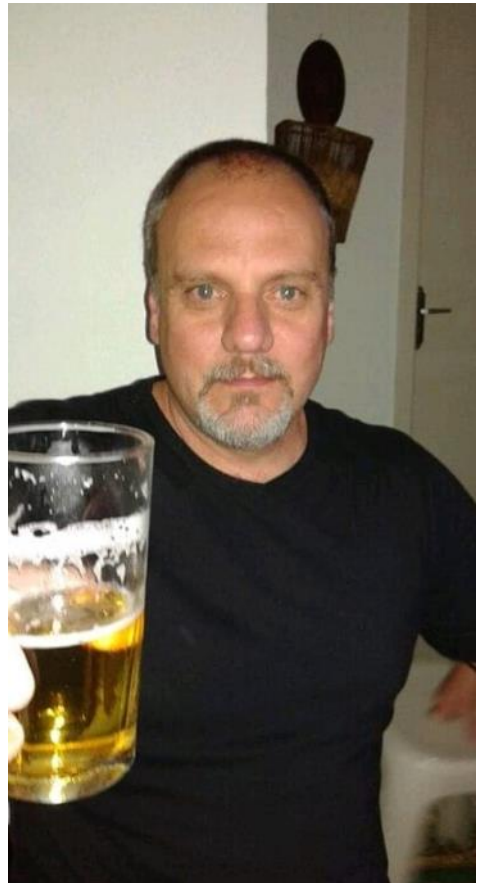
Quando conheci Fabinho eu era um menino, praticamente uma criança. O ano era 1982 e acabara de finalizar o curso básico de montanhismo do CEP. Com 12 anos de idade eu começava a mergulhar num fascinante mundo de verdadeira aventura que era o montanhismo naquela época.

Fabio era um herói pra mim, junto com aqueles poucos pioneiros da época que além de fazer caminhadas, também se aventuravam a escalar imponentes paredes de rocha. Fabio sempre foi um grande atleta, e absolutamente um grande escalador e pioneiro, numa época em que escalada significava se aventurar em áreas remotas e paredes com um mínimo de equipamento e segurança. Não se podia dar ao luxo de cair muito naquele famoso “bacalhau” do Cordeiro, ou aqueles *boudries* de cinto de segurança costurados em casa com linha da Casa Fajardo. Além disso ele era um super artista, suas clássicas imitações são inesquecíveis! Fabio trazia sempre uma nova dimensão de alegria para as excursões.

Fabinho foi um exemplo das virtudes de caráter e valores elevados do Montanhismo da nossa geração. Uma amizade forjada nas montanhas, uma amizade eterna. Foram muitos anos, muitos cumes, muitas aventuras. Desde aquele dia no Alcobaça onde Fabio carinhosamente me deu meu apelido, aquele primeiro Açu à noite, onde não conseguia seguir o passo rápido dele, ou aqueles rapeis onde oito escaladores se prendiam no mesmo grampo, achando que isso era perfeitamente seguro. As lembranças

são muitas, e ficarão pra sempre.

Bem no fundo de nossos corações, sabemos que a beleza de uma verdadeira amizade como essa e seu puro amor são eternos. Assim como sabemos que um verdadeiro amigo é parte integral de nós mesmos. E que pra honrar a memória desse querido amigo teremos que cultivar dentro de nós suas qualidades. Fabinho sempre foi pura luz! Que essa Luz esteja conosco eternamente em nossos corações.



ACONTECEU NO CEP

ITATIAIA — 1981

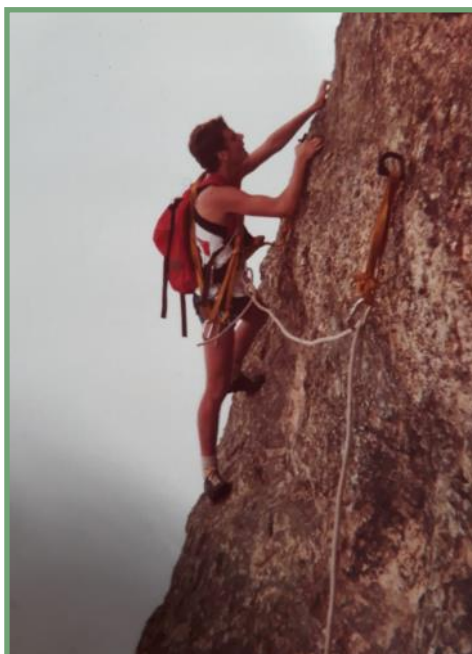


CUME GARRAFÃO — 1982



ALCOBAÇA — 1983

PASSAGEM DOS OLHOS — 1982



CONE — 1983



PR. KIM KIM—1983



AGULHA DO DIABO—1990



TRAVESSIA PETRO X TERÊ—1996



PR. 15 DE MAIO — 1983



DEDO DE DEUS — 1983



Programação



Excepcionalmente neste bimestre não haverá programação em razão da pandemia causada pelo coronavírus.

A comemoração do 62º aniversário do CEP será feita em uma reunião por vídeo conferência.

Salve 15 de maio de 1958!

SEMPRE EM FRENTE!



Considerando o cenário de pandemia devido à COVID-19, a FEMERJ recomenda a todos os montanhistas e entidades filiadas que sigam rigorosamente as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e dos órgãos de saúde locais (Ministério da Saúde, Governos Estaduais e Prefeituras).

Vivemos em um momento no qual as decisões pessoais impactam diretamente no destino de várias outras pessoas. Isto porque a transmissão do vírus ocorre mesmo que o infectado não apresente sintomas (não tendo sua infecção contabilizada) – as estimativas são de que 79% dos doentes foram contaminados por pessoas que não foram contabilizadas como infectadas.

Mas o que isso tem a ver com o montanhismo?

Quando saímos para caminhar ou escalar interagimos, mesmo que fracamente, com a comunidade local. Sabemos que nos grandes centros urbanos muitos locais de escalada estão com acessos fechados. Porém, em áreas mais isoladas, muitas montanhas continuam com acesso livre.

Ao sair para escalar neste período, principalmente em regiões menores (como Salinas/Três Picos, por exemplo), estamos expondo uma comunidade local – com menos recursos e estrutura de saúde – a uma doença que está incapacitando os maiores sistemas de saúde do mundo. Não obstante, sabe-se que o vírus continua no ambiente por algum tempo aumentando a chance de contágio mesmo em locais vazios.

Além disso, ao sobrecarregarmos os sistemas de saúde com vítimas da COVID-19, impedimos que pessoas que necessitem de assistência médica por qualquer outra razão – como um acidente na escalada – não possam ser atendidas.

Assim, pedimos aos montanhistas que, mais uma vez, mostrem a solidariedade que sempre nos foi característica, evitem expor a si mesmos e aos outros.

As montanhas continuarão lá, nos esperando.